

Indignação com a arbitragem

Rogério L. Furquim Werneck*

Tendo escapado a todas as pesquisas eleitorais, a vantagem de 2,2 milhões de votos de Flávio Bolsonaro sobre Lula da Silva deverá ser objeto de infindável controvérsia. A explicação terá de ser buscada em fatos ocorridos às vésperas do primeiro turno da disputa presidencial.

A conjectura mais provável é o sentimento de indignação de parte do eleitorado pendular com a absurda interferência do Judiciário no debate presidencial da TV Globo, previsto para 1º de outubro, a menos de 72 horas do primeiro turno.

Os fatos relevantes são mais do que conhecidos. Mesmo tendo firmado há meses um acordo com a Globo sobre as regras do debate, o PT se permitiu apelar para o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para impedir que, no evento, houvesse um púlpito vazio de Lula e que pudessem ser feitas perguntas a quem deveria estar ocupando tal lugar. Uma regra que constava do acordo e vem sendo seguida em debates eleitorais na televisão há pelo menos 20 anos.

Foi espantoso que pleito tão despropositado tenha sido prontamente acolhido pela ministra Estela Aranha do TSE, ex-assessora do presidente Lula, ex-colaboradora do ministro Flávio Dino no Ministério da Justiça e integrante do grupo Prerrogativas. E que a Globo tenha também recebido intimação do ministro Gilmar Mendes para que, ao arrepio da legislação e do acordo, assegurasse a participação do candidato Renan Santos, do Missão, que deixara claro que, se conseguisse participar do debate, se dedicaria a atacar o candidato do PL.

A sequência de arbitrariedades fez com que Flávio Bolsonaro se recusasse a participar do debate. E que a Globo decidisse cancelar o evento.

É natural que o clima de indignação da mídia com tamanha parcialidade dos tribunais superiores tenha contagiado boa parte do eleitorado pendular. Num País tão fascinado com esporte, não há quem deixe de se indignar, em qualquer disputa, com evidências inequívocas de que árbitros estejam favorecendo um dos lados. É bem possível que isso explique, em grande medida, a vantagem de Flávio Bolsonaro na votação do primeiro turno. A mutreta do debate saiu cara. Muito cara.

Na marcha para o desfecho da eleição, não falta agora quem esteja tentado a se esquecer quem é Flávio Bolsonaro e de que barro é feito. E quem prefira fechar os olhos e tentar prolongar o ocaso de um presidente atarantado e populista, de mais de 80 anos, fadado a se defrontar com alarmante e insanável minoria no Congresso, se eleito.

Não há como o eleitor bem informado ficar satisfeito com seu voto no segundo turno.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.